



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Máscaras do self. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

MÁSCARAS DO SELF

Andressa Melina Becker da Silva
Priscilla de Castro Campos Leitner

RESUMO

Um sorriso, uma lágrima, um pensar, um pesar... O conceito que fazemos dos outros, bem como o que fazemos de nós mesmos, está relacionado ao que sabemos do mundo, nossas experiências, das memórias e do que acreditamos ser possível. As relações se tornam mais complexas, mais dinâmicas e os diferentes contextos que estamos inseridos podem parecer, a princípio, mais difíceis de encontrar saída para os dilemas do dia-a-dia. Vestimos diferentes máscaras, como se fossem roupas, com a possibilidade de trocá-las de acordo com o local e a ocasião. Qual utilidade delas? Habilidade social ou um engano a si mesmo e aos outros? Amenizar o espanto alheio? Ou apenas esconder de si o verdadeiro self? Essa vivência objetiva, através da simplicidade e do lúdico, buscar o interlúdio entre as máscaras e o self, oportunizando experimentar diversas realidades de si mesmo.

Palavras-chave: Máscaras. Psicologia Corporal. Self. Vivência.

Ao longo do desenvolvimento os indivíduos passam por transformações, físicas, psicológicas, emocionais e sociais. Essas mudanças são importantes para que a pessoa crie, ao longo dos anos, uma adequação e proximidade com a sociedade. Porém, muitos estressores podem aparecer nesses momentos de transições. Volpi e Volpi (2006) desenvolveram uma classificação das etapas emocionais do desenvolvimento, baseados em seus conhecimentos sobre as obras de Reich, Navarro e Lowen, além da prática clínica. Para eles, essa classificação não é “um mero instrumento diagnóstico classificatório, essa organização é base para a compreensão do ser humano, através de seus traumas, conflitos internos, atitudes e movimento energético” (Volpi, Volpi, 2006, p. 2).

A primeira etapa, denominada Etapa de Sustentação, compreende o início da fecundação até o fim da amamentação, geralmente por volta dos nove meses. Nesse período não existe apenas um contato corporal, mas também emocional e energético, afinal, o nível energético do embrião será o nível energético do útero materno (Volpi, Volpi, 2006; Reich, 1987). A Etapa de Incorporação, segunda do desenvolvimento emocional, inicia-se após o nascimento, seguindo até o fim da amamentação. O bebê já passa a introjetar tudo o que vem do meio externo. A amamentação realizada de forma cuidadosa, repleta de desejo e com um olhar verdadeiro e presencial da mãe para o bebê é fundamental para o bom desenvolvimento da criança. Aos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Máscaras do self. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

poucos a criança percebe que não é a mãe e a simbiose vai sendo rompida (Volpi, Volpi, 2006).

A Etapa de Produção, terceira, inicia com o desmame e vai até meados dos 3 anos de idade. Nesse período a criança começa a controlar as fezes, inicia a construir pensamentos, gosta de jogos imaginativos. Tem muito curiosidade com os objetos a sua volta, e gosta de imitar o comportamento dos pais. Na Etapa de Identificação, dos 3 anos até o fim do quinto ano de vida, a criança percebe os genitais, percebe prazer ao tocá-los e masturba-se, porém, sem fantasias como os adultos, identifica a diferença entre meninos e meninas, entre crianças e adultos, além de preferirem brincar sozinhas, acreditando possuir autonomia e independência dos pais (Volpi, Volpi, 2006).

Por fim, a Etapa de estruturação e Formação do Caráter tem início aos cinco anos e se estende por toda vida. Para Reich (1987) é nessa etapa que a formação do caráter se completa. O indivíduo vai criando sua identificação sexual, com o pai, ou com a mãe e formando sua identidade. Muito dificilmente a criança passará por todas essas etapas sem sofrer frustrações. Esses são os estressores, mencionados anteriormente e que vão moldando o caráter do indivíduo. Para Lowen (1977), o caráter é a expressão do funcionamento psíquico e corporal do indivíduo. Segundo Reich (1995) a formação do caráter ocorre devido ao choque entre os impulsos naturais da criança e as frustrações impostas a ela por uma educação repressora, ao longo das etapas do desenvolvimento.

Vivemos em um mundo rodeado de ambivalências, a indômita individualização, que traz uma ambígua vontade de fundir-se num grupo social e o desejo marcante de diferenciar-se dele ainda que em detalhes. Esse processo que acompanha a atualidade é descrito por Bauman (2001) como o transformar a identidade humana de um 'dado' em uma 'tarefa' e encarrega os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências - assim como dos efeitos colaterais - de sua realização.

As contemporâneas alterações na subjetividade modificam a forma com que o sujeito se vê e se relaciona com a própria imagem, que muitas vezes é alterada para ser um espetáculo para outrem. Nossa cultura traz uma necessidade de exposição, fazendo acreditar que o que não é visto, não existe (SIBILIA, 2008). A identidade está ancorada na pele, por isso o corpo é enfeitado, modelado e esculpido para ser refletir a imagem, muitas vezes irreal, do sujeito. Negar a sua imagem real, o seu self corpóreo, em prol de uma imagem real e idealizada do ego é a articulação narcisista que podemos encontrar atualmente.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Máscaras do self. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

De forma semelhante a cultura desta sociedade é voltada ao desenfreio do desenvolvimento, construído na base do desrespeito à natureza e ao próprio ser humano. O contexto econômico-financeiro atual, os incríveis avanços tecnológicos, a agressividade consumidora e o excesso de informação são alguns dos fatores responsáveis por gerar uma sociedade voltada à produção. Logo podemos entender que a cultura de certa forma é modelada de acordo com essa imagem irreal e essa imagem também é modelada pela cultura.

Segundo Baker (1980) esta imperiosa necessidade do conhecimento pode passar a ser tão importante a ponto de sobrepujar o funcionamento natural do sistema vegetativo e é na verdade um disfarce à repressão e ao controle. A precariedade do contato e a privação dos vínculos, nada mais são do que uma expressão do narcisismo que aparece nesta cultura que se aproxima da insanidade através da perda dos valores humanos e da relação fria com a natureza.

O privado se tornou publicamente escancarado, e por mais constrangedora e humilhante que seja a fama conquistada a sociedade do espetáculo converte tudo em mercadoria. O consumo não é só o consumo capitalista mercadológico, existe uma nova modalidade do consumo, o consumo do Eu, das personalidades que se permitem ser consumidas, barganhadas e também, porque não, descartadas como um objeto.

Para Lipovetsky (2007) o consumo hipermoderno não é somente uma manifestação do hedonismo individualista, mas também uma tentativa de responder as incertezas que tomam conta do indivíduo, devido ao crescimento exponencial de referenciais e novas expectativas. A subjetividade fragmentada não consegue administrar o risco de se tornar descartável e de se descobrir objeto nesta trama globalizada que se está inserido.

Assistimos agora a reinvenção da cultura e da ampliação dos territórios em que a virtualização leva a questionar o próprio conceito do real e o sentido desta realidade existencial. No cerne da atual sociedade voltada ao consumo, ao avanço tecnológico, adoradores do “corpo perfeito” surge então, de forma altamente paradoxal, a discussão da materialidade e desterritorialização corporal.

Merleau-Ponty (2006) aponta o século XX como o responsável pela invenção teórica do corpo nas vias existenciais, e que esta questão deixa de ter uma linha divisória entre corpo e mente, e passa a ser apoiada sobre o corpo. Conforme comenta Reich (1995) o corpo retém os conflitos emocionais e possui uma linguagem própria de expressar para o meio, ponto que o torna de fundamental importância para a compreensão dos mecanismos intra-psíquicos. Desta



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Máscaras do self. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

forma o corpo além da sua ligação com inconsciente e o sujeito, também está presente nas formas sociais da cultura.

O corpo, sustenta como matéria a produção dos processos de identificação a partir das suas evidentes marcas visuais que expõem a identidade do sujeito consigo mesmo e com a sociedade. Mas o corpo também é o responsável por separar o indivíduo do mundo e do outro, lugar onde se pode terminar a alteridade, conforme Gil (1997).

Podemos entender que a identidade corporal é compreendida como um construção individual que engloba as percepções do sujeito sobre si mesmo e sobre a relação que ele mantém com os outros. “Deste modo, as imagens do corpo vão sendo construídas e reconstruídas ao longo da vida do indivíduo, imbuindo-o de significações a partir das vivências que outras referências lhe apresentam.” (Frois et al., 2011)

Para Cash e Pruzinky (1990), podemos conceituar a identidade corporal como a formação de uma imagem de si mesmo e uma ideia da subjetividade da percepção, pensamento e sentimento. Ocorrem diversas alterações em todos os aspectos; a imagem provem de como nos vemos e sentimentos; existem influencias sociais para a idealização da imagem corporal; modificações fazem parte da construção idealizada de um corpo; e irá refletir na imagem do mundo externo e a imagem corporal portanto determina nosso comportamento.

Barros (2005) diz que a construção da identidade corporal “É aliar um conceito à nossa consciência de que somos corpos em lugares distintos residindo em nossa própria manifestação material e física.” (p.553) As concepções teóricas que embasam a construção social dos corpos argumentam que a materialidade do corpo e sua construção simbólica cultural são inseparáveis e podem ser entendidas no contexto das relações de poder.

A construção da identidade corporal tem como um de seus elementos centrais as questões da imagem corporal e práticas relativas ao corpo. A construção da identidade corporal é modificada conforme a nossa necessidade de existência, modificado nos hábitos e pensamentos. A nossa imagem é modificada conforme a necessidade que a sociedade impõe transmitindo essas informação de idealização do perfeito através das tecnologias, marketing, consumo e mídia. Como consequência nossa percepção de mundo e transformada pela sociedade.

Se o corpo é o *self*, a auto-imagem real (a imagem real do *self*) deve ser necessariamente uma imagem corporal. A pessoa só pode rejeitar a auto-imagem real negando a realidade de um *self* corporificado. Os narcisistas são



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Máscaras do self. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

negam que têm corpo. Sua apreensão da realidade não é tão fraca assim. Mas vêem o corpo como um instrumento da mente, submetido à vontade deles. Funciona unicamente de acordo com suas imagens, sem sentimentos. (LOWEN, 1993, p. 17).

As construções corporais instaladas contemporaneamente nos mostram as tendências confessionais, exibicionistas e performáticas que são o alicerce da subjetividade e o consumo identitário, em uma espetacularização do Eu que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro. Porém, essa construção de si como personagem visível indicaria na realidade um marcante pavor de contato com o *self*.

Devido a essas normas sociais pré-estabelecidas e que acompanham o indivíduo ao longo do desenvolvimento é que a utilização de “máscaras” se faz presente. Para cada situação o indivíduo incorpora uma personalidade diferente, como forma de adequação as regras impostas de boa conduta. O caráter do indivíduo se confunde com as tarefas que realiza diariamente, com seus vínculos de amigos, com as máscaras utilizadas. Perde-se a noção do verdadeiro *self*. As máscaras são necessárias e funcionam como couraças às situações vivenciadas. Porém, quando as máscaras são utilizadas por longo tempo, as couraças, físicas e psíquicas, se cristalizam, ficando mais interno, obscuro, e encoberto o verdadeiro *self*.

REFERÊNCIAS

BAKER, E. F. **O Labirinto Humano:** as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARROS, D.D. **Imagem corporal:** a descoberta de si mesmo. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, 2005, v.12, n.2: p.547-54.

CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. **Body images:** development, deviance and change. New York: The Guilford Press, 1990.

FROIS, E.; MOREIRA, J.; STENGEL, M. **Mídias e a imagem corporal na adolescência:** o corpo em discussão. Psicol. estud. vol.16 no.1 Maringá, 2011.

GIL, J. **Metamorfoses do corpo.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Andressa Melina Becker; LEITNER, Priscilla de Castro Campos. Máscaras do self. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

LOWEN, A. **Narcisismo**: negação do verdadeiro *self*. São Paulo: Cultrix, 1993. LOWEN, A. **O corpo em terapia**. São Paulo: Summus, 1977.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REICH, W. **Bambini del futuro**. Milano: SugarCo, 1987.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Etapas do desenvolvimento emocional**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 27/01/2013.

Andressa Melina Becker da Silva / Campinas / SP / Brasil - MFCR-040. Doutoranda em Psicologia - PUC-Campinas, Mestre em Ed. Física - UFPR, Graduação em Psicologia - Universidade Paulista, Especialista em Psicologia Corporal - Centro Reichiano, Residência em Orgonoterapia - Centro Reichiano.

E-mail: andressa_becker@hotmail.com

Priscilla de Castro Campos Leitner / Curitiba / PR / Brasil - Mestranda em Interdisciplinar em Ciências Humanas (UTP/PR). Especialista em Psicologia Corporal com residência em Análise Reichiana/Orgonomia pelo Centro Reichiano/PR. Graduação em Psicologia (UTP/PR).

E-mail: priscilla.leitner@gmail.com